

4468

Suspensa negociação com índios

A negociação entre índios, representantes do Governo do Estado e da Fundação Nacional do Índio (Funai) foi interrompida durante o dia de ontem. Pela manhã, num encontro com o presidente da Funai, Sullivan Silvestre, os superintendentes da Polícia Federal se comprometeram a dar todo o apoio ao órgão e evitar conflitos. Em Aracruz, os índios das aldeias de Pau Brasil e Caieras Velha mantiveram a autodemarcação das terras e adentraram ontem mais dois quilômetros nos plantios de eucalipto. À noite, a comunidade da reserva de Comboios fechou um acordo com Funai e Aracruz Celulose, em que a empresa doa 128 hectares de terras à área.

De acordo com o presidente da Funai, Sullivan Silvestre, apesar de os índios de Comboios quase não estarem participando do movimento de autodemarcação, a fundação resolveu procurá-los como forma de demonstrar aos moradores de Pau Brasil e Caieras Velha que "radicalizar não leva a nada" e que se deve sempre buscar a negociação. Além da área de 128 hectares - que vai se somar aos 214 hectares liberados pelo Ministério da Justiça dia 6 de março à reserva -, a Aracruz Celulose prometeu um projeto de assistência no valor de US\$ 500 mil no prazo de dez anos.

Por outro lado, a situação nas al-

deias de Caieras Velha e Pau Brasil permanecia a mesma ontem. O secretário de Estado de Justiça e Cidadania, Perly Cipriano - que está representando o Governo no caso - e os índios passaram todo o dia tentando articular uma nova reunião para essa semana, mas não haviam conseguido, até o início da noite, entrar em contato com o presidente da Funai, Sullivan Silvestre. Durante todo o dia, os re-

presentantes do órgão permaneceram incommunicáveis.

IMPASSE - Na tentativa de quebrar o impasse, os índios admitem até ir a Brasília conversar com o Ministro da Justiça Íris Rezende, como havia sido pedido pela Funai.

Segundo uma das lideranças da aldeia Pau Brasil, Ervaldo Santana, as comunidades indígenas não aprova-

ram a proposta da Aracruz Celulose, apresentada na segunda-feira, em que a empresa se dispõe a ceder 2.579 hectares das terras e financiar um projeto de assistência no valor de R\$ 3 milhões, num prazo de dez anos.

Santana afirma que os índios não abrem mão dos 7 mil hectares da área, além da ajuda às comunidades. Enquanto não conseguirem, garantiu ele, a autodemarcação continuará.

Xavantes invadem sede da Funai no DF

BRASÍLIA - Pintados para guerra e empunhando bordunas, cerca de 150 índios, a maioria xavantes de Mato Grosso, realizaram ontem uma manifestação na sede da Funai, em Brasília e, em um gesto simbólico, expulsaram do prédio três diretores e o chefe de Gabinete da Presidência. Eles pedem a saída de diretores e assessores e a solução para problemas como a alta taxa de mortalidade infantil.

Antes de pôr os diretores para fora, os índios reuniram funcionários da Funai no auditório da fundação. Acompanhados por 17 lideranças das seis aldeias das reservas Nova Xavantina e Barra do Garça, os índios alteraram a rotina da Fu-

nai. Por volta das 9h30m, interromperam uma reunião do chefe de Gabinete, Celso Carelli, e o obrigaram a ir para o auditório. Os xavantes apóiam o atual presidente da Funai, Sullivan Silvestre, mas acusam alguns diretores de não estarem interessados em resolver os problemas. "Por incompetência ou falta de interesse, eles não levam ao presidente as reivindicações que são feitas nas regionais", acusou o líder xavante Cipassé.

Foram expulsos do prédio o diretor do Departamento de Assistência, Otacílio Antunes, o administrativo, Amilton Figueiredo e a diretora do Departamento de Saúde, Ana Costa. "Estamos fazendo uma

manifestação pacífica", afirmou Cipassé. "Mas ficaremos aqui até que se resolva o problema".

O líder reclama principalmente dos problemas de saúde. Ele estima a morte de 10 entre cada 25 crianças que nascem nas seis aldeias. "A pneumonia ataca as crianças e agora também os velhos", contou. "Estamos totalmente abandonados, sem um programa de saúde para a área", disse Cipassé.

Os índios também não querem a construção da hidrovía Araguaia-Tocantins. "Ela passa pelo Rio das Mortes, que faz fronteira com duas aldeias e vai acabar com a caça e a pesca na região", explicou.